# A história de Lili, a girafa sem pintas



CARTA PORTUGUESA PARA A DIVERSIDADE

APPDI
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A DIVERSIDADE E INCLUSÃO

# A história de Lili, a girafa sem pintas

Quando Lili nasceu, num dia de sol e calor na savana africana, o principal ecossistema desta região, o pai e a mãe ficaram muito felizes, dando-lhe muito amor e carinho.

Filha única, os pais tentavam há muitos, muitos anos ter bebés. Nasceu pequenina, com pernas compridas, pestanas grandes, e... sem pintas. Toda amarelinha, Lili sempre se sentiu aceite e parte da família, rodeada de girafas que a amavam. Cresceu numa família grande, barulhenta e divertida, cheia de tios e tias e brincadeiras com primos e primas. E na aldeia, todos os animais lhe diziam:

*- Lili, não importa que não sejas igual às outras girafas. És mais do que as tuas pintas. Lili, tu és amor!*

Para Lili, viver na savana sempre foi muito divertido. Com o seu clima quente e seco, é o local onde vivem alguns dos maiores animais do continente africano, sendo também conhecida por ser lar para inúmeros herbívoros, como zebras, elefantes ou rinocerontes.

Aos seis anos, Lili estava muito entusiasmada para aprender a escrever e a ler. Queria muito ir para a escola, fazer novas amizades e conhecer o mundo pelos livros. Com a sua mochila nova às costas, fez o caminho para a escola quase a correr, ansiosa por se sentar à secretária com as suas canetas.

*- Olha, olha! Onde é que já se viu... Uma girafa sem pintas?!*

O comentário veio da zebra Dora que, rodeada pela hiena Helena e pelo leopardo Tomás, riu-se maldosamente. Alguns dos restantes colegas juntaram-se ao coro de risos, deixando Lili de lágrimas nos olhos e muito triste.

*- Porque não tens pintas, Lili? – perguntaram alguns dos colegas da turma em voz alta.*

*- Não sei, eu nasci assim... - respondeu Lili.*

*- Porque não és normal? Qual é o teu problema?* – perguntou outro colega.

*- Eu tenho uma vizinha girafa na minha rua e ela não é como tu. É grande, bonita, cheia de pintas castanhas, de todas as formas e feitios. – disse o búfalo João.*

De repente, a professora Ana, uma leoa de óculos com muitos anos de idade, entrou na sala. A turma sentou-se e fez-se silêncio. Lili encolheu-se na sua cadeira, deixando as lágrimas escorrerem pela cara, magoada pelos comentários dos seus novos amigos. No recreio, ninguém brincou com ela. E os colegas continuaram a rir e a falar sobre a falta de pintas de Lili.

*- Mamã, eu não quero voltar para a escola...* - disse Lili quando a mãe a foi buscar ao portão e enquanto se dirigiam para casa.

*- Lili, porque dizes isso? O que se passou? Ainda ontem estavas tão entusiasmada com os livros novos e as amizades que ias fazer...* – perguntou a mãe, muito assustada.

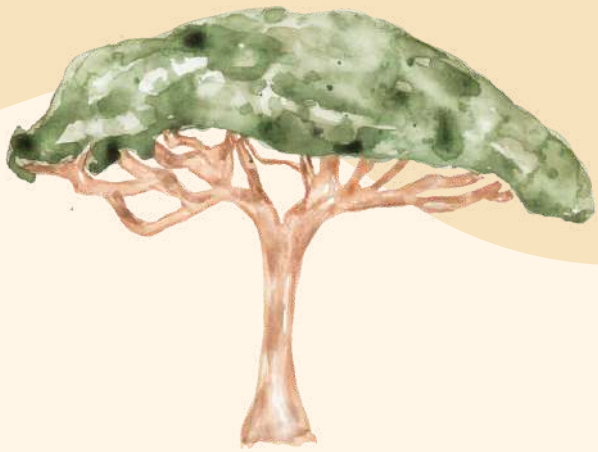
*- Os meus novos colegas não querem brincar comigo. Riem-se por eu não ser igual a ti e ao papá, não gostam de mim porque não tenho pintas. Mamã, porque não posso ser igual a todas as outras girafas?* – disse Lili, entre soluços e lágrimas.

*- Lili, tu és especial. És linda, divertida e muito inteligente. Teres ou não pintas não faz de ti uma girafa inferior.* – disse a mãe enquanto abraçava Lili e lhe limpava as lágrimas.

*- Então, porque tive de nascer diferente? Porquê eu, mamã?* – disse.

*- Porque tu és amor, Lili. És amor sem medida. És arco-íris em dias de chuva, porque o sol aparece. És a chuva que surge nos dias quentes da savana. Tu és importante e amada pela nossa família. O que os outros animais pensam ou dizem sobre isso não pode nunca ser mais importante do que aquilo que tu pensas de ti própria.*

"**O importante é eu gostar de mim**", repetiu Lili. E repetiu. Repetiu durante muitos, muitos anos, tentando convencer-se disso ao mesmo tempo que convencia os animais à sua volta. Os anos foram passando e Lili tornou-se numa bela e elegante girafa de quatro metros de altura. As pintas castanhas nunca apareceram e Lili habituou-se ao seu pêlo amarelo-torrado que combinava com as cores da savana africana.



A sua curiosidade sobre outros países e outros animais nunca desapareceu e era normal vê-la rodeada de livros. Lili gostava de ler o jornal, para saber mais sobre o que se passava no mundo, debaixo de uma baobá, uma árvore com um tronco muito espesso que armazena água para aguentar tempos de seca. Foi numa das suas pausas para leitura que Lili viu uma notícia sobre um médico que tinha resolvido todos os problemas dos seus pacientes. Levantou-se muito rápido e saiu a correr em direção a casa, de jornal debaixo do braço.

- *Mamã! Mamã! Onde estás?* – gritou ao aproximar-se de casa.

A mãe e o pai, assustados, chegaram rapidamente ao pé de Lili.

- *Mamã, papá! Este médico é capaz de me fazer crescer pintas! – disse enquanto apontava para a notícia do jornal.*

- *Lili... Já falámos sobre isto. Pensei que tinhas resolvido este assunto. Que te tinhas aceitado tal e qual como és.*

- *Mamã, eu preciso de tentar. Eu quero muito ser como vocês, como todas as outras girafas que eu vejo. Eu não quero continuar a ser posta de lado, não quero que me perguntem porque não tenho pintas ou que se riam de mim e me apontem por ser diferente.* – confessou Lili.

A conversa continuou com a mãe e o pai de Lili a tentarem convencê-la que as pintas não iriam fazer com que Lili mudasse. Também não iria fazer com que o sentimento que amigos e família tinham por ela mudasse. Mas Lili estava focada em tentar ter pintas castanhas iguais às outras girafas da savana. A notícia mencionava o nome e o número de telefone da clínica médica do famoso hipopótamo Jorge. Lili ligou e marcou consulta para o dia seguinte.

Mal dormiu! A excitação de conseguir uma solução para uma situação que a aborrecia há tantos anos não a deixou descansar. Os nervos eram tantos que também não conseguiu comer as folhas de acácia que ela tanto gostava. Saiu de casa e, num passo apressado, chegou à clínica antes da abertura. Ainda bem que, antes de sair de casa, tinha colocado debaixo do braço o jornal do dia para ler enquanto esperava.



- Girafa Lili. – chamou o assistente do doutor hipopótamo Jorge.

- Sou eu! – exclamou com muita animação.

Lili seguiu atrás do assistente até ao gabinete médico. O doutor hipopótamo Jorge era muito grande e parecia já ter alguma idade. Tinha uns óculos muito pequeninos na ponta do focinho, usava uma bata branca com dois bolsos e um estetoscópio ao pescoço. Cumprimentou Lili e pediu-lhe que se sentasse para falar sobre o assunto que a trazia ali.

*- Doutor hipopótamo Jorge, eu nasci assim, sem uma única pinta castanha.* – disse Lili, enquanto apontava para o seu corpo. – *A verdade é que eu me sinto diferente de todas as outras girafas. Na escola, os outros animais riam-se de mim, não queriam brincar comigo, não me convidavam para as festas de anos. E apesar de eu me sentir bem dentro da minha família, fora dela sempre foi uma luta para ser aceite.* – *confessou com os olhos cheios de lágrimas.*

*- Lili, eu posso ajudar-te a procurar uma solução para a tua falta de pintas, mas tens de seguir as orientações que te vou dar com muita atenção.*

*- A sério, doutor? Muito obrigada!* – exclamou um pouco mais alto do que queria.

*- Posso sim. Mas acredito que as pintas castanhas não vão resolver tudo. Lili, tu precisas de gostar de ti, com ou sem pintas castanhas. E quando tu gostares de ti, todos os outros animais também o vão fazer.*

Lili continuava sem perceber porque ninguém queria que ela tivesse pintas castanhas. Porque é que ninguém compreendia que ela queria tanto estas pintas, que ela não queria ser diferente das outras girafas da savana?

O doutor hipopótamo Jorge acabou por lhe receitar um xarope especial que faria crescer uma pinta por dia se fosse tomado da forma correta.

*- Para este tratamento resultar, é preciso que tomes duas colheres deste xarope por dia: uma de manhã e outra à noite. Não podes nunca tomar mais do que esta quantidade, compreendes?*



Lili acenou com a cabeça, mas o pensamento dela já estava nas lindas machas que iriam nascer no seu pêlo amarelo-torrado. Lili mal podia esperar por finalmente ser igual a todas a girafas da savana.

Fez o caminho para casa a correr, com o coração aos pulos de felicidade, ansiosa por contar à sua família como tinha corrido a consulta com o doutor hipopótamo Jorge e como também ela iria ter pintas pelo corpo muito em breve:

- *Mamã! Papá! Eu vou ter pintas! Eu vou ter pintas lindas e castanhas! Estou tão feliz!* – gritou enquanto saltava e rodopiava debaixo de uma árvore.

Lili começou a tomar o xarope nesse mesmo dia, à noite. Durante uma semana, Lili tomou o xarope conforme o doutor hipopótamo Jorge tinha recomendado: uma colher de manhã e outra colher à noite. Nem mais, nem menos. E todos os dias, uma nova tímida pinta castanha aparecia no pêlo de Lili.

Mas Lili era conhecida pela sua impaciência. Ela queria muito ter mais pintas e uma por dia não lhe chegava. Por isso, decidiu que iria começar a tomar duas colheres de xarope de manhã e duas colheres à noite. No primeiro dia em que o fez, duas pintas novas apareceram e Lili não coube em si de felicidade.

- *Por cada duas colheres de xarope nasce-me uma pinta castanha. Por cada quatro colheres de xarope nascem-me duas machas castanhas. Talvez se eu tomar o frasco todo, todas as pintas que eu quero aparecem no meu corpo!* – pensou Lili em voz alta.

Decidida a ter todas as pintas castanhas que queria no seu corpo, Lili bebeu todo o líquido do frasco do xarope, não deixando uma única gota para trás.

- *Agora sim, eu vou ser uma girafa verdadeira!* – sussurrou baixinho enquanto se preparava para dormir, esperando que, na manhã do dia seguinte, a sua pelagem estivesse repleta de pintas castanhas.

Lili mal dormiu, ansiosa para saber se ter bebido todo o líquido do frasco do xarope teria o resultado que queria. Quando os primeiros raios de sol invadiram a savana, levantou-se e torceu o seu longo pescoço à procura das suas novas pintas castanhas. Mas, o que viu, não foi o que esperava. Lili estava toda castanha! Nem uma pinta de pêlo amarelo-torrado havia!

- *Mamã! Mamã, rápido!* – gritou com os olhos cheios de lágrimas.



- *Lili, o que se passa?* – disse a mãe assutada.

- *Mamã, o meu pêlo! Não resultou! Mamã, estou toda castanha...* - soluçava Lili.

*- Lili, o doutor hipopótamo Jorge avisou-te sobre o que poderia acontecer se não tomasses o xarope da forma certa. Fizeste tudo como ele te disse? – perguntou a mãe.*

*- Mas mamã, eu só queria as minhas pintas castanhas... Eu só queria ser igual a todas as outras girafas...*

*- Eu sei, filha. Mas estás a esforçar-te para ser igual a todas as outras girafas quando deverias apenas ser tu própria. Tu és linda e não importa se o teu pêlo é todo amarelo, amarelo com pintas castanhas ou todo castanho. O que importa é que tu és uma boa filha, que respeitas, aceitas e tratas todos os animais da forma que gostavas que te tratassem a ti.* ***O teu pêlo não diz a girafa maravilhosa que tu és ou a amiga presente que te esforças por ser. Ser diferente não significa ser menor ou inferior. Ser diferente apenas significa que não és igual a todos os outros animais e isso é mágico. Ser diferente é ser único. Mesmo as girafas como eu, com pintas castanhas, não têm pintas exatamente iguais umas às outras: elas têm diferentes formas, tamanhos e tonalidades. Por isso, Lili, nunca te esqueças: tu és amor! E antes dos outros gostarem de ti, tu tens de gostar de ti própria. Aceitar todos os centímetros do teu corpo e da tua personalidade.***



De todas as conversas que tinha tido com a mãe, Lili nunca tinha visto as coisas por outra perspetiva. Percebia agora que o seu exterior nada importava, que era mais do que pêlos, fossem eles de que cor fossem. Lili ia ter de aprender a aceitar-se e a ignorar os comentários maldosos dos animais que não respeitavam nem entendiam a diferença como um acrescento.

*- Mamã, agora entendo. Eu posso ser de todas as cores, ter pintas ou não. O que importa é aceitar os outros como eu gostaria que me aceitassem a mim.* ***É isso que eu vou fazer durante a minha vida: mostrar aos outros animais que a diferença não nos pode separar, apenas unir. Animais de diferentes raças, tamanhos, cores fazem desta savana o melhor sítio do mundo.*** *É nisso que eu acredito e é essa a mensagem que eu quero passar. Porque se o mundo for repleto de girafas com ou sem pintas, ele será muito mais divertido!*

# Fim!



**A história de Lili,**
**a girafa sem pintas**



# O que é que esta história te fez sentir?

## O que significa ser diferente?



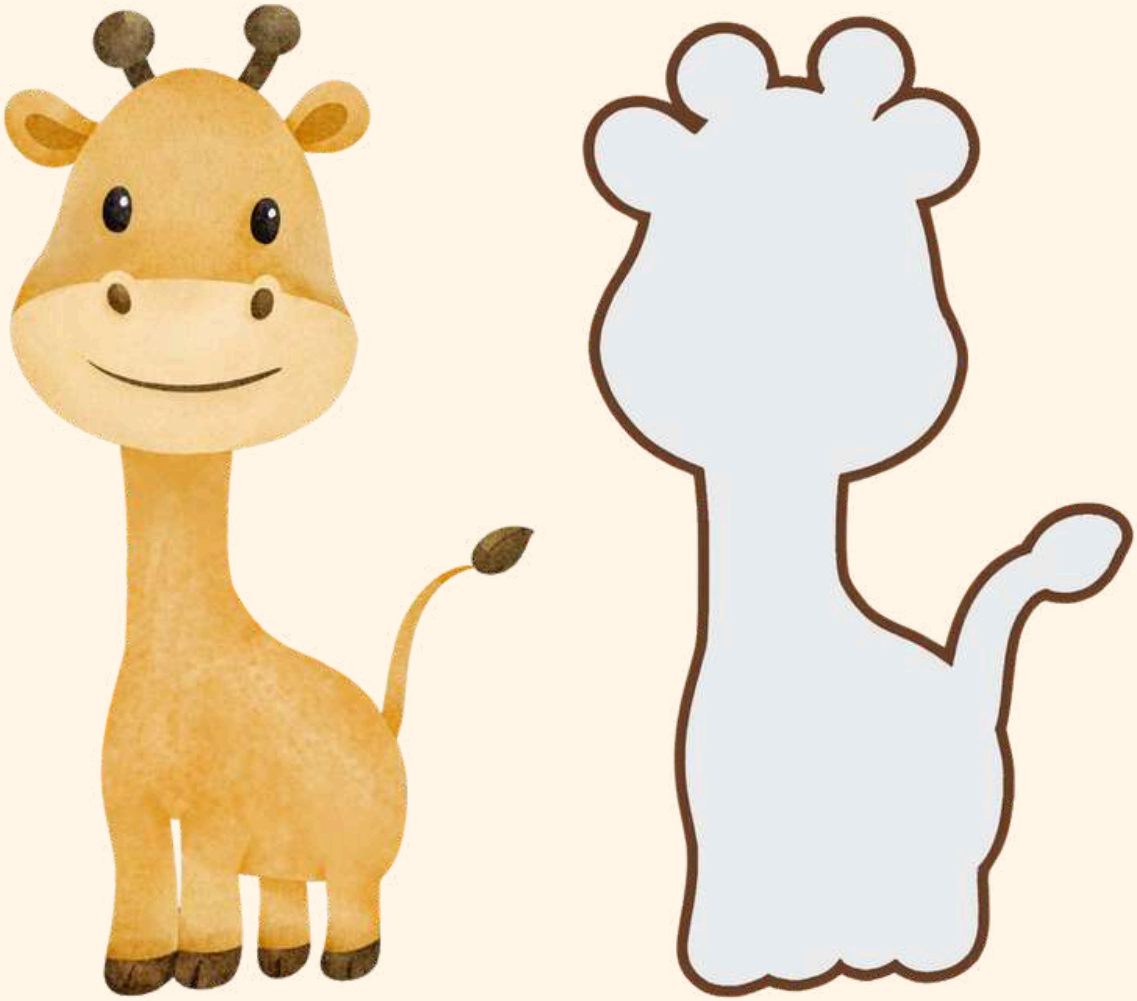
1. Quais as coisas que consideras que todas as pessoas têm em comum, independentemente das suas diferenças?

2. Quais as palavras ou ações que podes usar para fazer com que todas as pessoas se sintam incluídas e valorizadas?

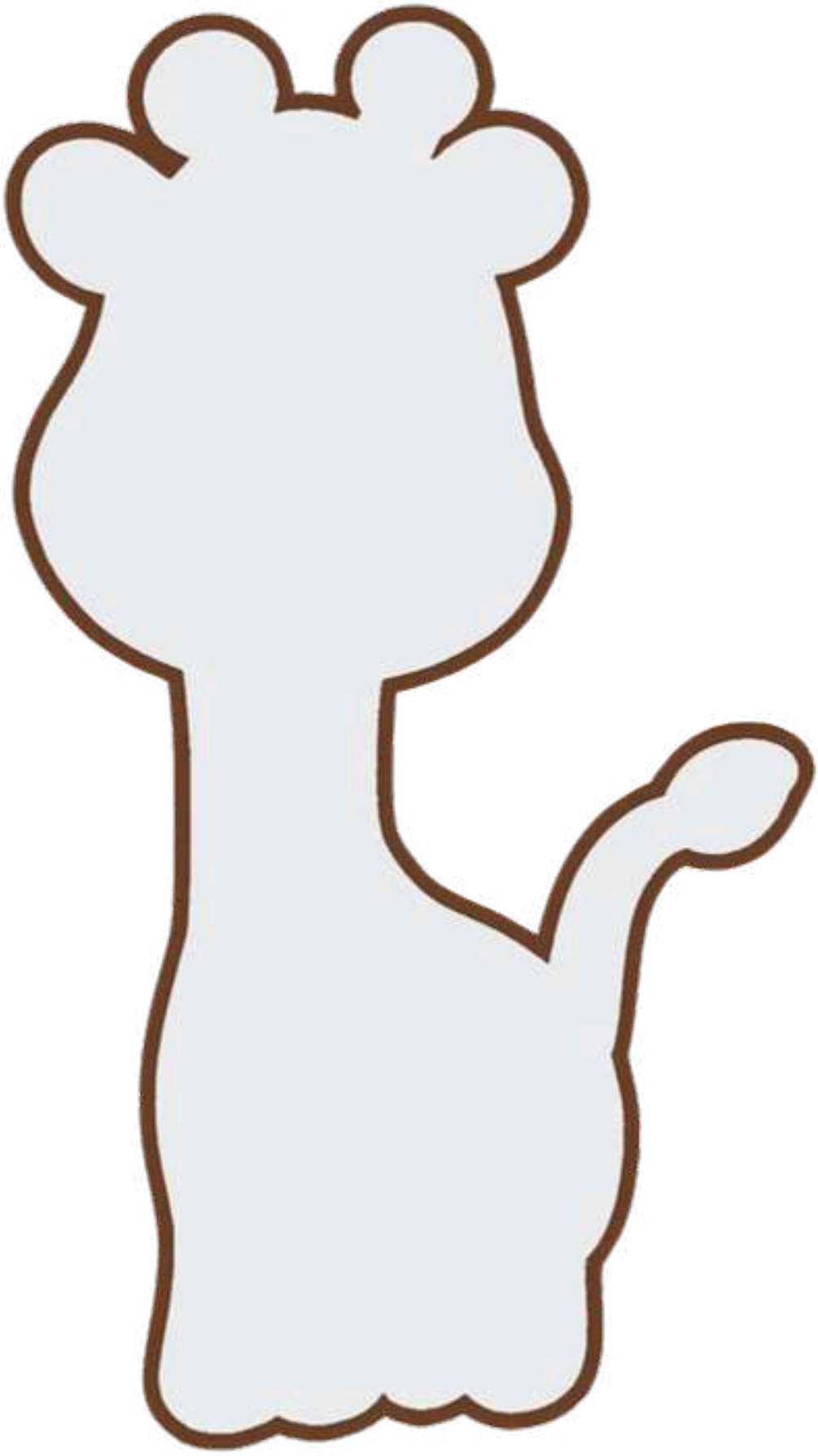
3. Já tiveste oportunidade de aprender algo novo com alguém que seja diferente de ti? O que aprendeste?

# Desafio!

Desafiamos-te a pintares a tua girafa mais original!
Usa toda a tua imaginação e os materiais que tiveres à mão (ou disponíveis) para preencher a girafa abaixo.
O objetivo desta atividade é construir um **mural da diversidade** na tua escola e envia-nos a tua girafa mais criativa!



# A minha girafa original!



# A história de Lili, a girafa sem pintas



Criado por:

APPDI
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A DIVERSIDADE E INCLUSÃO

CARTA PORTUGUESA PARA A DIVERSIDADE

Com o apoio de:

Cofinanciado pela União Europeia